

JURAMENTOS MÉDICOS E A NOÇÃO DE DIGNIDADE HUMANA*

J. BOLÉO-TOMÉ

Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Nova de Lisboa. Lisboa.

RESUMO

A propósito do cinquentenário da proclamação da Carta dos Direitos do Homem, o Autor procura estabelecer um paralelo entre a noção de dignidade humana vista através do Juramento de Hipócrates e o conceito prevalecente nas sociedades que precederam o aparecimento desse Juramento, que lhe foram contemporâneas, ou que lhe sucederam. Com esse objectivo são estudadas três civilizações da antiguidade - egípcia, mesopotâmica e grega - acentuando as diferenças de comportamento perante o ser humano, bem diferentes da perspectiva que nos é dada pelo Juramento. O novo olhar sobre a dignidade humana e sobre o respeito que lhe é devido, em qualquer circunstância, só foi compreendido em toda a sua plenitude com o aparecimento e aceitação do cristianismo. Em seguida, o Autor chama a atenção para o que se pode considerar como a característica fundamental do século que está a terminar: ter sido sentida a necessidade de fazer aceitar pela comunidade internacional, de modo muito mais claro e extenso, aquilo que em Medicina foi definido por Hipócrates - a dignidade da pessoa humana, qualquer que seja a raça, religião, sexo ou escala social.

SUMMARY

Medical Oaths and the Notion of Human Dignity

Considering the recent commemoration of the 50th anniversary of the Proclamation of Human Rights, the author attempts to establish a parallel between the notion of human dignity as we read in the Hippocratic Oath, and the prevailing concept within the societies that either preceded, were contemporary or succeeded it. With that goal in mind, three ancient civilizations are focussed - Egypt, Mesopotamia and Greece - showing the differences in behaviour towards the human being, far different from the perspective of the Oath. The new view of human dignity and its due respect, in any circumstance, was only completely understood with the appearance and acceptance of Christianity. The author then draws attention to what may be viewed as the main feature of this century, as it approaches its end: the urge to lead the international community to accept, in a clear way, what Hippocrates defined in Medicine - the dignity of the human person, regardless of race, religion, sex or social class.

* Comunicação apresentada na Sociedade de Geografia, em Lisboa, em 23 de Julho de 1999

A pouco mais de seis meses do cinquentenário da proclamação da Carta dos Direitos do Homem pelas Nações Unidas (10 de Dezembro, 1998), poderá ter alguma oportunidade pensar um pouco sobre as formulações éticas aplicadas ao exercício da Medicina e compará-las com o comportamento das sociedades perante a vida humana e a sua dignidade essencial. Foi este comportamento que fez nascer a necessidade da proclamação solene da Carta dos Direitos (e das que se lhe seguiram), assim como de numerosa legislação internacional no domínio da Bioética.

O discurso irá ser, por isso, um pequeno trabalho de reflexão, necessariamente superficial e rápido, que se serve da História para situar os factos, sem pretender investigá-los; e que se serve do pensamento para tentar compreender um pouco os comportamentos, mas bem longe da tentação de entrar numa análise psicológica ou esboçar um ensaio filosófico.

Será através de factos, crónicas, textos e imagens, que iremos caminhar um pouco na História humana e no aparecimento de uma Medicina que, há cerca de 2400 anos, assentou todo o seu exercício numa base de comportamento moral cuja actualidade permanece intacta.

Quando olhamos para a formulação e o conteúdo de um Juramento médico como o de Hipócrates, e o comparamos com o conceito de dignidade do ser humano, como tal, na vida das sociedades que o precederam ou que lhe sucederam, podemos dizer que encontramos qualquer coisa de surpreendente. Numa sociedade notoriamente dividida em classes e grupos, dominantes e dominados, e em que principalmente uma delas, a dos escravos, era completamente desprovida de direitos e mesmo de personalidade, surgem regras de comportamento para o exercício da Medicina que, aparentemente, estabelecem princípios totalmente fora do contexto: o respeito pela vida, pela mulher, e por todos os outros, livres ou escravos.

Observemos de perto, através dos cronistas e historiadores, alguns exemplos de sociedades humanas que precederam Hipócrates, que foram contemporâneas, ou que se lhe seguiram. A sua realidade político-social, o seu modo de olhar para a vida humana, a sua organização, a medicina que praticaram, talvez nos permitam compreender melhor o valor excepcional do legado de Hipócrates.

ALGUNS ASPECTOS SOCIAIS NA ANTIGUIDADE CLÁSSICA

Tem sido sempre muito fácil aplicar rótulos ou denominações pejorativas como bárbaros ou selvagens em

povos ou civilizações que nos precederam. Dois simples factos históricos dos nossos dias, como o holocausto nazi e a tragédia dos Balcãs, que têm marcado tão duramente os povos europeus deste século, deveriam ser suficientes para desfazer toda a possível afirmação de um real avanço da humanidade no respeito pela pessoa humana e pela sua dignidade essencial. A própria necessidade de proclamar solenemente os direitos humanos mais elementares e fundamentais, pode não ser mais do que um sintoma deste contínuo avanço e recuo da condição humana.

Tomemos alguns exemplos retirados da história da antiguidade.

O EGÍPTO ANTIGO

Se lançarmos um olhar para o Egípto antigo, através dos escritos de Heródoto e os relatos de escribas¹⁻³, encontramos uma notável civilização que se inicia realmente por volta do ano 3100 antes de Cristo, com a primeira unificação. A partir desse ponto histórico iria surgir o primeiro faraó de trinta dinastias sucessivas. Pode-se afirmar, assim, que o Egípto constituiu a primeira nação unificada do mundo inteiro, com tudo o que isso pode significar de estabilidade, de progresso, de organização. Esta continuidade, que se iria estender por 2000 anos até ao início das ocupações estrangeiras, teve apenas dois períodos intermédios de perturbação e de obscuridade, que separaram as três idades históricas, o Antigo, o Médio e o Novo Impérios. Foi assim possível construir uma organização social com uma estrutura altamente eficaz, que não teve par em toda a antiguidade, e onde floresceram a escrita, a arquitectura, a engenharia hidráulica, e a arte em todas as suas formas.

A humanidade deve-lhes ainda duas contribuições de uma importância fundamental: o calendário solar de 365 dias, e a divisão do dia e da noite, cada um deles, em doze partes iguais. Cada parte correspondia a uma hora e era calculada por um engenhoso sistema de água de fluxo constante que saía de um reservatório de pedra graduado. Este sistema, denominado clépsidra, manteve-se até ao aparecimento do relógio mecânico, na Idade Média.

Quanto à organização social poderemos dizer que, apesar das classes, não era raro que um homem de baixa condição subisse, na escala social, até às posições mais elevadas, embora a atitude normal do egípcio de baixa condição fosse aceitar uma vida sem mudanças. No entanto, pode ler-se num papiro o conselho seguinte, transmitido por um faraó ao seu filho: *Não faças qualquer separação entre o filho do nobre e o filho do pobre*

e escolhe os teus lugares-tenentes pelas suas capacidades.

Tal como hoje, os abusos dos poderosos sobre os mais pobres eram possíveis e, em certas épocas históricas, muito frequentes. A vida humana era considerada pelo seu valor como arma ou como força de trabalho, qualquer que fosse a profissão exercida. Não admira que a sua eliminação ou a sua perda tivessem uma escassa carga moral, apesar das preocupações com o Além. Curiosamente, porém, encontramos por volta do ano 1170 AC a referência à primeira greve conhecida: os trabalhadores da necrópole de Tebas fizeram uma greve de oito dias, por terem um atraso de dois meses nos pagamentos. Os pagamentos foram feitos, não existindo qualquer referência a castigos.

A sociedade egípcia deu igualmente um exemplo provavelmente único na história da Antiguidade. Com uma certa frequência, o papel da mulher foi de uma clara preponderância social e política, sendo conhecida uma pleiade de mulheres excepcionais, que ocuparam praticamente todos os postos de importância. Destacou-se de todas elas Hatshepsout (aprox. 1500 AC), que foi a primeira rainha do Egito a ostentar a dupla coroa simbólica de Faraó, assumindo igualmente a dupla personagem de deus-rei. Filha de Tutmès I e irmã de Tutmès II, soube consolidar a sociedade egípcia e fazê-la prosperar durante mais de vinte anos, até ser destronada pelo sobrinho, que veio a ser o grande Tutmès III.

No fundo da escala social encontravam-se os escravos, habitualmente prisioneiros de guerra, sem quaisquer direitos, e cujas funções se podiam estender desde os trabalhos domésticos, para os que tinham mais sorte, até ao exército e, pior que tudo, às minas de ouro e cobre na Núbia, no Sudão e no Sinai. Esta última situação era uma autêntica condenação à morte.

Há quem afirme que a ciência médica nasceu junto das margens do Nilo. Na verdade, é neste local que vamos encontrar duas formas de medicina quase coevas: uma medicina bem semelhante à babilónica, em que não existia qualquer fronteira entre medicina, magia e religião, exercida por sacerdotes; e uma medicina que se aproximava notavelmente das regras da medicina actual, baseada em princípios racionais. O *Papiro Edwin Smith*, que descreve com precisão e exaustivamente 48 casos de feridas, fracturas e luxações, e o *Papiro Ebers*, que é um verdadeiro manual de ensino para o *médico generalista* da época, são exemplos do desenvolvimento desta ciência, quase purificada de práticas mágicas. Um outro documento, conhecido por *Preceitos de Ani* (*Figura 1*), revela-nos as preocupações da medicina egípcia por



Figura 1 - Fragmento dos Preceitos de Ani (cerca de 1500 anos A.C.), com a tradução inglesa. Do original propriedade da O.M.S.

regras de higiene e moderação, apontando as consequências dos excessos. É muito interessante verificarmos que, tanto Hipócrates como, mais tarde, Galeno, se consideraram devedores dos conhecimentos que receberam dos egípcios. Porém, não encontramos na medicina egípcia nenhuma formulação contendo regras morais para a sua prática. Era uma profissão como qualquer outra, mais ou menos tolerada, mais ou menos respeitada, por vezes sujeita a castigos ou a violências capitais.

A par desta medicina prática, racional, e muitas vezes misturando-se com ela, desenvolveu-se igualmente uma medicina ligada aos deuses, exercida por sacerdotes ou homens influentes. O caso mais extraordinário foi o de Imhotep, figura histórica que viveu por volta de 2600 AC (*Figura 2*). Vizir do Faraó, arquitecto, escriba, poeta, foi igualmente médico e a sua fama seguiu-o depois da morte, passando a ser o principal Deus egípcio da saúde. Mais tarde, é frequente vermo-lo associado ao Deus grego da Medicina, Asclepius, com a designação Asclepios-Imhoutes.



Figura 2 - Estátua sentada de Imhotep (2600 anos A.C.). Existente no Museu do Louvre, em Paris.

OS POVOS MESOPOTÁMICOS

Foi na terra entre os dois rios, a Mesopotâmia, que se desenvolveu uma das mais notáveis civilizações da antiguidade, podendo dizer-se que a sua contribuição para a evolução da humanidade foi tal que é apontada

como o verdadeiro berço da civilização. É natural, por isso, que neste breve olhar para algumas das sociedades humanas que precederam Hipócrates, esta civilização ocupe um lugar destacado³⁻⁸.

A partir de 3500 antes de Cristo, sumérios, assírios e babilônios, sucederam-se em importância e como dominadores da região banhada pelos rios Tigre e Eufrates. Utilizando uma expressão muito em uso entre os arqueólogos que iniciaram a exploração sistemática do Próximo e Médio Oriente, pode-se dizer que a lama das planícies de aluvião do sul da Mesopotâmia foi o material que construiu a primeira civilização humana organizada.

Ali nasceram as primeiras cidades. O grande mérito dos sumérios foi unificar os pequenos agrupamentos populacionais num conjunto coerente, governado pelos mesmos chefes, com os mesmos deuses, leis e cultura. É certo que, muito antes deles, aproximadamente 8000 anos antes de Cristo, há memória da existência de uma cidade que teria cerca de 3000 habitantes, Jericó, situada perto das águas frescas do baixo Jordão. Mas foi um exemplo isolado que não frutificou. O passo dado pelos sumérios não parou mais e estendeu-se pouco a pouco, não apenas pela Mesopotâmia, mas por outros locais do mundo antigo: mais uma vez, a lama foi a pedra inicial de construção de civilizações - nos campos do Nilo, no Egipto, nas planícies do Rio Amarelo, na China, ou nas terras férteis do Indo, na península indostânica.

Ur foi a mais importante das primeiras cidades. Transformada em capital da Suméria por volta de 2334 AC, por Sargão, primeiro rei unificador da Mesopotâmia, dominou toda a região, desde as montanhas da Anatólia até ao Golfo Pérsico. Aqui nasceu a primeira organização administrativa, que iria perdurar e seria adoptada pelos dominadores que se lhe seguiram, os babilônios e os assírios.

A figura principal da administração era uma espécie de primeiro-ministro todo-poderoso, o *Lugal*, com características e atribuições muito semelhantes às do *Vizir* egípcio. O *Lugal* era considerado como a representação na terra do Deus local, sendo o seu poder considerado absoluto. No entanto, era sabido que esse poder só era exercido após demoradas consultas com os sacerdotes.

Em cada cidade existia um governador nomeado pelo rei, o *ensi*. Para que o seu poder local não crescesse demasiado, era frequentemente transferido de distrito para distrito, passando assim por várias das 40 ou 50 cidades-estados da Mesopotâmia. Esta organização permitiu o desenvolvimento do comércio, das artes, e o legado de duas das mais extraordinárias descobertas da

humanidade - a roda e a escrita. Esta última, para além dos registos dos escribas, permitiu um desenvolvimento literário excepcional: chegaram até nós lindíssimos poemas sumérios de entre os quais sobressai o invulgar poema épico de *Gilgamesh*. Sabemos hoje, graças aos extraordinários achados da biblioteca de Assurbanipal, em Ninive, que a profissão de escriba era objecto de uma preparação especial. É entre os sumérios que vamos encontrar as primeiras escolas perfeitamente organizadas por ciclos e com duros exames. Aí aprendiam, não apenas a ler e a escrever, mas também as leis, a matemática, a álgebra e a geometria. O teorema de Pitágoras já era por eles utilizado de modo empírico. Os sumérios dividiram o ano em doze meses lunares, acrescentando-lhe um mês em cada três ou quatro anos, para fazerem o acerto com o ano solar.

Devemos-lhes, igualmente, algumas técnicas metalúrgicas, o arco, a uniformização de pesos e medidas, e o sistema sexagesimal de contagem do tempo, que viria dar origem aos sessenta minutos da hora. Conhece-se, também, um curioso almanaque do agricultor, documento notável do século 18 antes de Cristo. Mais tarde, no tempo de Nabucodonosor II, o rei mais famoso do império neo-babilónico, já dominado pelos caldeus (século VI AC), teve ainda um maior desenvolvimento a astronomia já cultivada pelos sumérios, sendo igualmente desenvolvidos conceitos de astrologia que foram utilizados pela medicina greco-romana, árabe e medieval.

Pode-se dizer que existia alguma preocupação pelo bem-estar e segurança dos cidadãos comuns. O rei legislava e procurava impor o cumprimento das leis, vigiando a aplicação da justiça, combatendo a opressão dos fracos e protegendo as viúvas e os órfãos. Existem referências frequentes aos castigos aplicados a funcionários que tinham abusado dos cidadãos. É muito significativa uma lei que obriga o proprietário de uma edificação a conservá-la em bom estado; se um muro cair e na sua queda ferir gravemente ou matar alguém, o proprietário seria condenado à morte. A única referência à mulher diz respeito às viúvas, que deviam ser protegidas dos abusos dos poderosos. De resto, fica-nos a ideia de que a mulher pouca ou nenhuma importância teria nas sociedades mesopotâmicas, a não ser como símbolo da fertilidade.

Esta organização legislativa, que teve o seu apogeu com o famoso código de Hamurabi, rei da Babilónia, foi copiada e imitada por muitos dos povos vizinhos. Não podemos esquecer, porém, que, tanto os sumérios como os babilônios e os assírios utilizaram com muita frequência um método de domínio dos povos conhecido em

todos os tempos - o terror. As guerras constantes fizeram nascer uma nova classe social - o soldado profissional. Graças a esse exército de homens livres, inteiramente profissionalizado e treinado para a guerra, o rei podia, não apenas defender o país, mas principalmente dominar os povos vizinhos, se necessário com massacres sistemáticos.

As noções de doença e saúde estavam estreitamente ligadas a uma visão cosmológica da vida. A doença significava castigo dos deuses; ou então a acção diabólica, que provocava uma doença de acordo com a especialização do diabo. Há, no entanto, algumas referências deixadas por escribas que fazem supor ser igualmente admitida a ideia da existência de causas naturais. Uma delas diz respeito a repreensões aplicadas a médicos que tentavam tratar doenças já incuráveis. Uma das descobertas mais interessantes foi a de um *manual* médico, datado de cerca de 2200 anos antes de Cristo, com um conjunto de prescrições empíricas (*Figura 3*). Mas nada foi encontrado sobre a formação ou preparação dos médicos. Sabe-se, porém, que existiam três tipos de sacerdotes que, entre outras funções, eram também responsáveis pelos doentes: o *baru*, que funcionava como adivinho quanto ao diagnóstico e prognóstico, o *ashipu*, com funções de exorcista, e o *asu*, que provavelmente seria o médico, que se servia de encantamentos, adivinhações, drogas e operações.



Figura 3 - Manual médico sumério (cerca de 2200 A.C.), existente no Museu da Universidade de Filadélfia.

O primeiro sistema lógico de leis escritas é o de *Ur-Nammou*, rei assírio de Ur, por volta de 2100 BC. Este código veio a servir de modelo ao conhecido *Código de Hamurabi*, que surgiu três séculos mais tarde (*Figura 4*). Nele são incluídas regras muito precisas quanto ao exercício da medicina, sob a forma de prêmio ou pagamento e de castigo. Das 282 leis, consagra um total de apenas dez ao exercício da medicina, determinando os honorários e as punições se o tratamento provocasse lesões



Figura 4 - Pormenor da parte superior do Código de Hamurabi, gravado em pedra de diorito negro polido, encontrada perto de Susa. Do Museu do Louvre, Paris.

maiores ou a morte. Ao exercício da medicina era aplicada a lei geral das sociedades mesopotâmicas, conhecida por lei de Talião - *olho por olho, dente por dente*, que seria retomada cinco séculos depois pela lei mosaica. Só no século VI da Era Cristã é que viria a ser alterada esta forma de castigo, quando entrou em vigor o Código de Justiniano. Apenas a partir dessa data é que foi modificada a ideia de punição, sendo adoptada a noção de julgamento e de procedimentos judiciais, partindo sempre do princípio da presunção da inocência do acusado. Relativamente à profissão médica, nada aparece escrito sobre regras de comportamento moral no exercício da profissão.

OS GREGOS

O que sabemos hoje dos gregos da antiguidade clássica quase nos permite dizer que eles constituem o melhor exemplo do individualismo social, com todas as consequências dramáticas da sua história. Dificilmente se pode falar num país chamado Grécia, mas sim, e apenas, num local geográfico onde vários grupos criaram as suas pequenas cidades-estados, que se guerrearam ferozmente umas às outras. Este é o panorama que surge habitualmente aos nossos olhos. E, no entanto, perscrutando mais profundamente este local tão rico em história e cultura, encontramos mais outra realidade pouco conhecida⁹⁻¹².

Os primeiros gregos da história da região terão sido os ocupantes jónicos, povos indo-europeus que subjugarão a totalidade da Grécia continental e do Peloponeso, por volta de 2000 AC. Pouco sabemos dessa época.

Entre 1600 e 1200 anos antes de Cristo, com a chegada dos aqueus, desenvolveu-se na Grécia uma riquíssima civilização tendo por centro a cidade de Micenas, no nordeste do Peloponeso, e com traços muito semelhantes aos da civilização minoica, da ilha de Creta. Esta última, que se desenvolveu entre 2000 e 1400 AC, até ser destruída e ocupada pelos gregos continentais, parece ter marcado indelevelmente os aqueus e todos os gregos que

lhes sucederam. Vamos encontrar mais tarde, na Grécia, as características da civilização minoica, como a prosperidade harmoniosa, a organização social, o amor da vida, a paixão pela beleza em todos os seus aspectos. Poder-se-ia dizer que, primeiro Micenas e mais tarde Atenas, teriam sido a prova de que, muito antes de Cnossos ter sido destruída, já Creta *tinha vencido o seu feroz vencedor*.

Micenas foi a pátria de Agamemnon, um dos heróis da guerra de Troia. Sob a autoridade de Micenas, podemos falar realmente numa Grécia unificada, ou, de acordo com a designação mais antiga, numa Aqueia ou Acaia em que a primazia de Micenas era reconhecida por todos os povos gregos. A conquista e ocupação de Creta, assim como a conhecida guerra de Troia, são exemplos da autoridade micénica, que se foi estendendo progressivamente por todo o Mediterrâneo oriental.

Os seus hábitos, a sua cultura e o gosto artístico estão bem descritos por Homero nos poemas épicos *A Ilíada* e *A Odisseia*. Foi uma civilização em que dominava o escriba, o que permitiu uma excepcional vitalidade nos domínios económico, social e político. Esta vitalidade traduziu-se igualmente no florescimento artístico, principalmente na pintura, que ornamentava os palácios e templos.

As invasões dóricas, que se tinham iniciado ainda antes da guerra de Troia, vieram pôr um fim dramático a esta primeira civilização a que poderíamos chamar greco-minoica, dominada por Micenas. A chegada dos dórios, a partir de 1200, significou a destruição quase integral da civilização micénica, desaparecendo a realeza burocrática, a escrita e todas as criações artísticas. Pode-se dizer que foi a catástrofe mais total e mais sinistra da história de todo o espaço grego. De acordo com Tucídides, foi com grande dificuldade *depois de muito tempo, que a Grécia encontrou, na tranquilidade, a estabilidade e o fim das migrações*. Durante vários séculos a maior parte da Grécia não foi mais do que ruína e confusão, pelo menos até 750 AC.

Apenas subsistiram alguns restos, poupados à destruição dórica: na ilha de Chipre, nas montanhas da Arcádia e na península da Ática, à volta de uma pequena cidade chamada Atenas, onde se refugiaram numerosos jónicos-aqueus. Daí partiram colonos para as ilhas do Mar Egeu, formando colónias jónicas que mantinham uma estreita ligação com a Ática. Podemos encontrar aqui o ponto de partida para a tremenda rivalidade entre Esparta, completamente dórica e rigidamente conservadora, e Atenas, herdeira da civilização micénica e ela própria geradora da civilização que criou o mundo moderno.

Por volta do século VIII A.C., dá-se um acontecimento notável que irá revolucionar toda a civilização grega - o aparecimento do alfabeto grego, derivado da escrita fenícia, e constituído por 24 sinais. É Heródoto que afirma que «os fenícios... introduziram entre os gregos muitos conhecimentos e entre estes os das letras que os gregos, tanto quanto me parece, não possuíam antes». Os gregos souberam adaptar esse alfabeto fenício às necessidades da sua língua, juntando-lhe as vogais que não existiam. Possuidores desse poderoso meio cultural, os gregos começam a revelar por escrito as suas notáveis capacidades intelectuais. Os poemas de Homero são um dos primeiros e brilhantíssimos exemplos dessas capacidades.

A introdução da moeda, vinda da Lídia, veio simplificar e dinamizar toda a vida económica. Apenas Esparta permaneceu obstinadamente agarrada ao incómodo sistema de trocas por barras de ferro, recusando o grande comércio, e cultivando uma sociedade rural baseada no trabalho de escravos e servos. Os cidadãos espartanos, esses, eram guerreiros em tempo completo, sujeitos a uma dura disciplina militar. Atenas, pelo contrário, caminhou num sentido liberal, cultivou as artes e a literatura, e reforçou os seus laços com o mundo jónico. Pisístrato, que governou Atenas até 527, foi um dos grandes impulsionadores das reformas que, mais tarde, iriam dar a Atenas a primazia intelectual, artística e científica. A democracia, estabelecida por Clístenes por volta do ano 507, garantindo a todo o cidadão adulto a igualdade perante as leis e a liberdade de expressão, foi o passo de gigante nesta caminhada de progresso. Apenas um facto histórico verdadeiramente dramático iria atrasar essa caminhada - as guerras médicas. Mesmo perante o perigo persa, com cidades gregas já ocupadas, o desentendimento, as rivalidades e a traição foram bastantes vezes mais fortes do que a necessidade de sobrevivência de uma Grécia que nunca conseguiu encontrar-se como país.

Apesar do culto da beleza, do amor à vida, da igualdade perante as leis, o valor da vida humana em si mesma, estava, em grande parte, limitado pelas qualidades físicas ou intelectuais, pela sua utilidade presente ou futura. O pai tinha o direito de abandonar o filho recém-nascido, deixando-o morrer, se visse algum defeito ou o achasse demasiado fraco. Do mesmo modo, não eram raros os sacrifícios humanos. Temístocles, antes da batalha de Salamina em que derrotou os persas, imolou aos deuses três raparigas. De acordo com os relatos de Plutarco, historiador grego da Beócia (*Vidas Paralelas*) que viveu no século I da nossa era, alguns

heróis gregos sofreram o castigo dos deuses e foram condenados ao ostracismo, por se recusarem a realizar sacrifícios humanos.

O que se sabe da medicina nestas diferentes épocas é relativamente pouco^{3,17}. No tempo micénico parece que a prática médica continuou a estar estreitamente associada aos templos. Pode-se dizer que praticamente todos os deuses gregos participavam de algum modo como administradores da saúde, mas com alguma especialização: Hera, mulher de Zeus, era a protectora do parto; Atena era a patrona dos olhos. Mas o principal era Quiron, meio irmão de Zeus, cujo corpo era metade humano e metade cavalo, e que, de acordo com a lenda, revelou os segredos das plantas medicinais a Apuleius ou Apuleu, que pode assim escrever um manual sobre as propriedades curativas das ervas. Quiron era igualmente o patrono dos mestres da medicina, sendo apontados como seus discípulos Melampus (c. 1500 AC), que se notabilizou pela cura das mulheres loucas de Argos, Aquiles, um dos heróis de Troia, e Asclepius, que seria invocado mais tarde como o deus da medicina.

Asclepius, ou Esculápio, é uma figura controversa. Homero apresenta-o na *Ilíada* como um rei da Tessália, que contribui com homens e navios para a guerra de Troia. São os seus filhos Macaonte e Podalirios que são indicados como os conhecedores da arte de curar. No entanto, o historiador Hesíodo, dois séculos depois, no século VII AC, apresenta-o já como o principal deus da saúde e da doença. Homem ou deus, o que é um facto é que, um pouco por toda a Grécia, os templos de Asclepius irão surgir por volta do século VI AC, talvez primeiro na Tessália ou no Epidauru, espalhando-se em seguida por quase toda a parte.

Era nos templos de Asclepius que se ensinava e exercia a medicina, embora se encontrem algumas informações sobre a existência de uma medicina empírica, praticada fora dos templos, um pouco à maneira egípcia. Curiosamente, na ilha de Cós, berço de Hipócrates, o culto de Asclepius foi recusado, pelo menos até à morte de Hipócrates. Seja como for, chegou até nós um verdadeiro monumento sobre o exercício da medicina, conhecido como *Os Conselhos de Esculápio*. Podemos dizer que estes «conselhos» constituem uma verdadeira viragem na visão da profissão médica e o ponto de partida para um novo conceito de dignidade do ser humano doente e da prestação de cuidados de saúde em toda a espécie de situações. Vale a pena ouvir alguns extratos desse texto, apresentado sob a forma de conselhos dados por um médico ao seu filho.

Queres ser médico, meu filho? É uma aspiração de

uma alma generosa, de um espírito ávido de ciência. (...)

Pensaste bem no que vai ser a tua vida? Terás que renunciar à vida privada; enquanto que a maioria dos cidadãos, terminado o seu trabalho, podem isolar-se dos importunos, a tua porta permanecerá sempre aberta para todos; a qualquer hora do dia ou da noite virão perturbar o teu descanso, os teus prazeres, a tua meditação; não terás horas para dedicar à tua família, à amizade ou ao estudo; já não te pertencerás.

Os pobres acostumados a padecerem, só te chamarão em caso de urgência; mas os ricos tratar-te-ão como um escravo encarregado de remediar os seus excessos...

Eras severo na escolha dos teus amigos; procuravas a companhia de homens de talento, de artistas, de almas delicadas; mas de agora em diante não poderás afastar os fastidiosos, os escassos de inteligência, os desprezíveis. O desonesto terá tanto direito à tua assistência como o homem honrado; prolongarás vidas nefastas e o segredo da tua profissão proibir-te-à de impedir crimes de que serás testemunha. (...)

Eras activo, sabes o que vale o tempo, mas não poderás manifestar fastídio nem impaciência; terás que suportar relatos que começam no princípio dos tempos para te explicarem uma cólica; serás consultado por ociosos que só querem conversar. Serás o vazadouro de um mundo de vaidades.

Sentes paixão pela verdade, mas já não poderás dizê-la. Terás que ocultar a alguns a gravidade do seu mal; a outros a sua insignificância, pois desagradar-lhes-ia. Terás de ocultar segredos que possuis, consentir em parecer enganado, ignorante, cúmplice. (...)

Não contes com agradecimento: quando o doente se cura, isso é devido à sua robustez; se morre, foste tu que o mataste. Enquanto está em perigo, trata-te como a um deus, suplica-te, promete-te, enche-te de honras; assim que está convalescente, já o estorvas, quando se trata de pagar os cuidados que lhe prodigalizaste, aborrece-se e maldiz-te. Quanto mais egoístas são os homens maior solicitude exigem. (...)

Tenho pena de ti se sentes admiração pela beleza: verás o mais feio e repugnante que existe na espécie humana: todos os teus sentidos serão maltratados. Encostarás o teu ouvido contra o suor de peitos sujos, respirarás o odor de habitações miseráveis ou os perfumes gastos das cortesãs, hás-de palpar tumores, tratar chagas verdes de pús, contemplar urinas, observar expectorações, olhar e cheirar imundícies...

Até a própria beleza da mulher, consolação do homem, se desvanecerá para ti. Vê-las-ás de manhã desgredadas, desencantadas, desprovidas das suas belas

cores e esquecendo sobre os móveis parte dos seus atractivos. Deixarão de ser deusas para se converterem em pobres seres, sofrendo de misérias sem graça. (...)

O mundo parecer-te-à um enorme hospital, uma assembleia de indivíduos que se queixam. A tua vida decorrerá na sombra da morte, entre a dor dos corpos e das almas, entre o cálculo e a hipocrisia, que se juntarão à cabeceira dos agonizantes. (...)

Estarás só nas tuas tristezas, só nos teus estudos, só no meio do egoísmo humano. Nem sequer encontrarás apoio entre os médicos, que se guerreiam por interesse ou por orgulho.

Pensa bem nisto enquanto estás a tempo. Mas se, indiferente à fortuna, aos prazeres, à ingratidão; se, sabendo que te verás sozinho entre as feras humanas, tens uma alma bastante estoica para te satisfazeres com o dever cumprido, sem ilusões; se te julgas bem pago com a palavra de uma mãe, com um rosto que sorri porque já não sofre, com a paz de um moribundo...; se desejas conhecer o homem, penetrar em toda a tragédia do seu destino, FAZ-TE MÉDICO, MEU FILHO.

Penso que não existe, através de todos os tempos, melhor definição da humanidade, nem melhor descrição das exigências colocadas aos médicos. Hoje, como ontem. Este foi o contexto, a ponte que se estabeleceu entre a medicina primitiva e o novo conceito e prática da medicina, que nos foi legado por Hipócrates.

Paralelamente a este verdadeiro monumento de definições morais, surgiu neste período de transição um outro dado de valor: um grupo de filósofos-cientistas, entre os séculos VII e VI AC, interessou-se pela medicina, procurando explicações mais racionais, esvaziadas de conceitos mitológicos. De entre eles destacou-se principalmente Pitágoras, nascido em Samos, que considerou o cérebro como o centro da inteligência e descreveu a saúde como o estado de harmonia e a doença como o estado de discórdia.

É muito natural que Hipócrates tenha sofrido estas várias influências, tanto na linha dos conceitos morais, como na linha da análise científica.

A ERA HIPOCRÁTICA

Talvez não seja por acaso que Hipócrates aparece no decurso da idade de ouro da cultura grega, conhecida habitualmente como o século de Péricles^{3,12,15,17}. Foi o período máximo de desenvolvimento do pensamento, em todas as suas formas: filósofos como Sócrates, Platão e Aritóteles, oradores como Demóstenes e Protágoras, dramaturgos como Ésquilo, Eurípides e Sófocles, poetas como Píndaro, Safo, Simónidas, autores cómicos como

Aristófanes, historiadores como Heródoto, Tucídides, Xenofonte, artistas e arquitectos como Ictinos, Miron, Fídias, Policleto, Praxíteles, são apenas alguns dos muitos homens criadores de uma nova cultura e de uma nova civilização. A guerra fratricida do Peloponeso, a partir de 431; a perda definitiva da independência dos gregos, com Filipe da Macedónia, a partir de 359; ou, mais tarde, a escravidão romana, já não conseguiram apagar a luz brilhantíssima que se acendera nesta verdadeira explosão do pensamento. Conquistadores, ocupantes ou visitantes, todos se deixaram dominar pelo brilho que irradiava desta cultura tão rica.

Hipócrates (Figura 5) nasceu em Cós, uma pequena ilha junto da costa da Anatólia, pertencente ao império



Figura 5 - Busto de Hipócrates. Cópia romana de uma estátua grega do século II A.C.. Museu della Via Ostiense, Roma.

ateniense, por volta do ano 460 AC. Sabe-se, pelos escritos reunidos a partir do século III ou II AC na Biblioteca de Alexandria, que estudou Medicina e Filosofia junto de grandes mestres da época, que viajou por todo o mundo helénico, que foi o principal responsável pelo combate eficaz à epidemia de peste, em Atenas, incinerando o material infectado, e que veio a falecer na Tessália, provavelmente com mais de 90 anos.

A sua colecção de textos médicos, reunida com o nome de *Corpus Hipocraticum*, é constituída por sessenta títulos, alguns bem diferentes no seu estilo e no assunto abordado (Figura 6). Aí encontramos temas como a

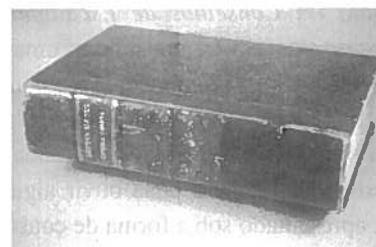


Figura 6 - *Corpus Hipocraticum*. Exemplar existente na Faculdade de Ciências Médicas de Lisboa (Clínica Universitária de Oftalmologia).

patologia geral e a patologia especial de certas doenças, separando as causas de origem interna daquelas que dependem de factores externos - o clima, a higiene pessoal, a alimentação, as doenças profissionais; o diagnóstico e o prognóstico, baseados sempre numa observação e interrogatório rigorosos; os métodos de tratamento, assentes principalmente em medidas de higiene alimentar e pessoal, e utilizando poucas drogas; noções verdadeiramente notáveis de medicina preventiva, recusando o secretismo da ciência médica, e defendendo a necessidade de uma participação comunitária na defesa da saúde e na luta contra a doença; as doenças mentais, às quais é retirado todo o contexto mitológico em que se encontravam mergulhadas, descrevendo com perspicácia a epilepsia (é bem conhecida a sua afirmação «*propinho-me tratar a doença chamada sagrada, a epilepsia; na minha opinião, não é mais sagrada do que as outras doenças, pois obedece a uma causa natural, e a sua suposta origem divina radica na ignorância dos homens e no assombro que produz o seu carácter peculiar*»), o delirium tremens, a depressão e a ansiedade; contem ainda capítulos sobre fisiologia, embriologia, ginecologia e obstetrícia, epidemiologia e cirurgia. É lá, igualmente, que se encontra a formulação ética sobre as regras de exercício da profissão, conhecida como o *Juramento de Hipócrates*.

Tem-se especulado sobre a origem deste código de comportamento, sugerindo alguns a sua ligação a Pitágoras. Hipócrates, ou alguém por ele, ter-se-ia limitado ao arranjo da formulação de uma forma simples e clara. Aliás, é perfeitamente natural que muitas das obras de Hipócrates tenham sido escritas pelos seus discípulos, como era habitual nesses tempos. Seja como for, desde o início da organização da colectânea de textos da Biblioteca de Alexandria, com a designação de *Corpus Hipocraticum*, que o texto lhe é atribuído. E não custa acreditar que assim seja: na verdade, a análise dos restantes escritos revela a sua defesa de uma prática clínica baseada em valores humanos, numa atenção muito especial para com o doente, na importância de uma relação de confiança no exercício profissional, no abandono completo de toda a magia, no respeito total pela pessoa humana. A sua maneira de encarar as doenças mentais ou neurológicas é um exemplo completamente inovador e revelador da defesa de uma medicina científica, despojada de práticas enganosas, e baseada no reconhecimento da dignidade de cada pessoa.

Hipócrates separou a filosofia e a religião da prática médica. Libertando-se dos templos, recusou as práticas tortuosas dos magos e a sua exploração do sofrimento

humano, e abandonou as interpretações mitológicas dos sacerdotes, dando a primazia ao doente e à sua necessidade de auxílio. Ao fazer sair a medicina da influência da magia e do culto dos deuses, sentiu a necessidade de exigir um comportamento profissional de elevado conteúdo ético. Por isso são frequentes as suas chamadas de atenção para a pessoa doente: a doença é um processo natural que sofre uma evolução - portanto, o médico tem de estar atento, tomando notas sobre os sinais para poder compreendê-los e compará-los com situações semelhantes.

As *regras* da medicina hipocrática são muito claras, e têm sido resumidas nas frases seguintes:

- *Observa tudo*: importância da história clínica e da observação do doente com persistência e atenção.
- *Estuda o doente e não a doença*. É o estudo do doente que vai dar as respostas para o conhecimento da doença.
- *Faz uma avaliação honesta*. Com objectividade avaliar também os erros cometidos na observação e nas terapêuticas.
- *Ajuda a natureza*. Está aqui bem clara a máxima latina «*primum non nocere*». Os tratamentos são apenas uma ajuda para que a natureza vença a doença.

O *Juramento* (Figura 7) é um documento curto, claro, e acessível à compreensão de todos. Como se impunha,



Figura 7 - O Juramento em grego e latim, reproduzido do exemplar da Faculdade de Ciências Médicas.

para que o juramento fosse fiável, invoca os deuses e é perante eles que assume compromissos, reconhecendo embora as limitações da vontade e do entendimento: *Juro por Apolo médico, por Esculápio, Hígia e Panaceia ... cumprir segundo as minhas possibilidades e entendimento o juramento seguinte*:

1. *Estimarei aquele que me ensinou* ... Este primeiro ponto do Juramento é dedicado aos mestres, chamando a atenção para o dever de os respeitar e ajudar na adversidade. Nos Códigos de Deontologia actuais este

ponto encontra-se consignado como *o dever de lealdade e correcção*.

2. *Comunicarei os princípios, lições e todo o conteúdo do ensino...* não apenas aos próprios filhos ou aos filhos dos mestres, se quiserem aprender, mas igualmente *aos discípulos com inscrições regularizadas e comprometidos segundo os regulamentos*. Só a esses. O compromisso, como vemos, era anterior, precedia o Curso, porque o exercício da Medicina era demasiado sério para se entregar a qualquer um.
3. *Aplicarei os tratamentos para bem dos doentes, segundo o meu saber e entendimento e nunca para mal de ninguém*. É bem clara a primazia do doente sobre todos os interesses particulares. E continua: Não darei a ninguém um remédio mortal ou um conselho que o leve a perder-se. Estão aqui bem acentuadas a recusa da eutanásia e a recomendação da prudência.
4. *Não darei a uma mulher nenhum pessário que possa prejudicar a vida do feto*. É a afirmação clara do respeito pela vida humana desde o seu início.
5. *Conservarei puras a minha vida e a minha arte*. O médico deveria ser um exemplo de vida, para poder conservar e cultivar a confiança dos outros.
6. *Não extrairéi nenhum cálculo... e deixarei esta operação para os que sabem praticar a cirurgia*. É tão claro e tão actual o que se encontra subjacente a esta promessa. *não farei aquilo para que não tenha preparação, não enganarei os doentes com tratamentos sem nexos*, em suma, não farei o que não devo fazer!
7. *Em qualquer casa em que entre, fa-lo-ei para o bem dos doentes*. É não só: ao entrar numa casa deve respeitar os que lá se encontram; *mulheres e homens, livres ou escravos*.
8. *Tudo o que vir e ouvir no exercício da minha profissão e no trabalho da vida comum e que não deva divulgar-se, conservá-lo-ei secreto*. O segredo profissional perfeitamente definido.
9. E, de acordo com as regras de todo o juramento, ainda hoje tantas vezes invocadas, termina chamando sobre si uma vida ditosa, se o *cumprir integralmente*; ou a maldição *se lhe não for fiel*.

Vemos que o tema dominante é o cuidado na preparação e no exercício da prática médica, tendo por referência o bem do doente e o respeito pelo local em que se encontra e por todos os que aí habitam. Não há dúvida de que este formulário com a forma de compromisso solene, nada tem a ver com as regras ou recomendações, muitas vezes cerimoniais, algumas vezes sociais, que existiram em vários locais e civilizações, ligadas à práti-

ca sacerdotal. Humanitário, compassivo, recheado de simpatia e respeito, exigente para com o profissional, constitui, sem dúvida, um verdadeiro marco na história da Medicina.

OS COMPROMISSOS MÉDICOS DEPOIS DE HIPÓCRATES

O ensino e o exemplo de Hipócrates inspiraram os médicos e o exercício da Medicina até aos nossos dias. Na verdade, a ciência médica, como um todo colocado ao serviço dos homens, doentes e sãos, com regras de ensino profissional e de prática clínica, com a responsabilidade de informar e formar os cidadãos comuns sobre as medidas de higiene e de profilaxia das doenças, tudo isto enquadrado em normas de comportamento profissional muito claras e exigentes, recebeu de Hipócrates o impulso e os métodos que a retiraram da obscuridade mágica, colocando-a verdadeiramente ao serviço de todos, de qualquer raça, religião ou situação social^{3,13,14,15,17}.

A sua influência foi tal que, ao longo dos séculos, vários nomes grandes da história da Medicina foram referidos como *Hipócrates* do seu tempo: Cornelius Celso (53 AC a 7 AD) foi o Hipócrates romano; Avicena, ou Hakim ibn-e-Sina (980-1037) foi o Hipócrates persa; no século XVII, Tomás Sydenham (1624-1689) foi referido como o Hipócrates inglês; já no século XIX, Laennec foi citado como o Hipócrates francês; e mesmo neste século XX, prestes a extinguir-se, William Osler, falecido em 1920, recebeu o título de Hipócrates canadiano.

1. O período que se seguiu à morte de Hipócrates não foi pacífico, quanto aos princípios e prática da Medicina. Embora um grande número dos seus discípulos continuasse a aplicar as regras hipocráticas, a influência de alguns filósofos levou ao aparecimento de correntes de opinião bem diferentes, que foram conhecidas pela designação de *seitas*. A mais importante foi, sem dúvida, a que nasceu sob a influência de Platão (429-347 AC), conhecida como a dos *Dogmatistas ou Dogmáticos*. Platão, mais interessado na especulação filosófica do que na observação dos factos, especulou igualmente sobre muitos aspectos médicos, sem a observação directa à cabeceira do doente. Esta influência persistiu ainda por muitos séculos.

Outro dos filósofos com enorme influência, e que deu origem a outra corrente de opinião muito importante, foi Aristóteles (384-322 AC). Porém, ao contrário de Platão, defendeu métodos apoiados na experiência, seguindo com muito cuidado os princípios de Hipócrates. Filho de

um médico macedónio da escola de Cós, o seu estudo comparado da anatomia e da embriologia, que conseguiu realizar graças ao apoio de Alexandre da Macedónia, levaram a que seja considerado o pai da anatomia comparada. O vaso aorta foi descrito e baptizado por Aristóteles. Depois da morte de Platão, a sua influência espalhou-se rapidamente e manteve-se muito para além do nascimento das Universidades, no século X AD.

A fundação de Alexandria em 331 AC, e o aparecimento da sua famosa Escola Médica, permitiu que os gregos continuassem a manter o domínio no exercício da arte médica. Uma referência obrigatória na medicina da antiguidade, que atingiu em Roma a sua grande notoriedade foi Asclepiades, de Bitínia; mas em Roma qualquer um se podia intitular médico sem qualquer formação, o que veio a traduzir-se em grave prejuízo para o exercício da Medicina.

2. Foi Cornelius Celso, apontado como o Hipócrates romano, um patrício romano nascido em 53 AC, quem tentou lutar contra este estado caótico, coligindo todos os conhecimentos da época, e defendendo arduamente uma medicina apoiada no respeito pelos princípios hipocráticos. Os oito volumes da sua obra *De Medicina* conseguiram ter alguma influência nos hábitos da sociedade romana, apesar de contrariados por um edito do imperador Octávio Augusto isentando os médicos do pagamento de impostos. Esta situação só foi parcialmente corrigida no século II AD pelo imperador Antonino Pio, que reduziu o número de praticantes autorizados, e por fim no século III, quando o imperador Severo Alexandre estabeleceu leis regulamentando a formação dos médicos e o exercício da Medicina.

Já na era cristã, mas ainda estreitamente influenciado pela medicina grega, seus princípios e sua prática, exerceu em Roma um médico grego da Escola de Alexandria, Galeno, um aristotélico convicto. Defendeu claramente um comportamento ético de acordo com o Juramento de Hipócrates; mas a sua atitude perante a medicina esteve muito longe da prudência dos quatro princípios hipocráticos: observar tudo, estudar o doente e não a doença, fazer uma avaliação honesta, ajudar a natureza. No entanto, a parte da sua obra que não se perdeu ainda teve edições para estudo nas universidades, no século XVI AD.

3. Na época do Imperador Augusto deu-se o acontecimento mais notável da história da humanidade - o nascimento de Cristo e, com Ele, o aparecimento da Doutrina Cristã. Este facto transformou pouco a pouco toda a visão do homem sobre si mesmo e sobre os outros. As recomendações de alguns Faraós, os conselhos de

Asclepius, as regras de Hipócrates, ou até a própria cultura do espírito no apogeu de Atenas, passaram a ser entendidas numa perspectiva sobrenatural de dignidade e de valor humanos, existente em todos e que em todos deviam ser respeitados. Não admira, por isso, que o Juramento médico, sob a forma hipocrática mas adaptada ao Deus único, ou sob qualquer outra forma, tenha reaparecido com nova força, principalmente a partir da paz de Constantino, que confirmou a liberdade dos cristãos, e da instituição das Universidades com o ensino médico organizado.

De entre os textos relativos às normas morais aplicáveis ao exercício da Medicina, sobressaem dois cuja citação é obrigatória, e ambos de origem judaica. O primeiro é o *Juramento Deontológico de Asaph*, escrito provavelmente no século VI AD. Sabe-se que Asaph estudou em Alexandria, sofrendo a influência da escola de Hipócrates, coligindo mesmo textos seleccionados do mestre grego, de onde sobressai a exigência na escolha dos discípulos. O seu Juramento é um texto muito longo, e muito exigente sob os pontos de vista profissional e religioso. Eis alguns fragmentos.

Este foi o juramento dado por Asaph, filho de Berachyahu, e por Jochanan, filho de Zabda, aos seus discípulos; e compuseram-no com estas palavras: Tende cuidado em não matar nenhum homem com a seiva de uma raiz; e não dareis poção alguma a uma mulher grávida por adultério para a fazer abortar; e não desejareis as mulheres formosas para cometer adultério; e não revelareis segredos que vos tenham sido confiados; e não aceiteis suborno para fazer o mal nem para matar e não endurecereis os vossos corações para os pobres e os necessitados, mas tratá-los-eis; e não chamareis mal ao bem, nem bem ao que é mal; (...)

Não fareis uso de nenhuma espécie de ídolos para curar, nem confiareis nos poderes curativos de nenhuma espécie de culto. (...)

Não deixareis que o espírito da altivez vos faça levantar os olhos e o coração. Não descarregareis a vingança do ódio num homem doente. E não alterareis as vossas receitas para aqueles que odeiam a Deus Nosso Senhor, mas acatai as suas ordens e mandamentos e marchai pelos seus caminhos e assim podereis encontrar benevolência a seus olhos. Sede puros e crentes e honrados. (...)

Encontram-se facilmente neste Juramento várias ideias mestras de Hipócrates: não matar, respeitar os doentes e a família, guardar segredo profissional, não praticar sem formação adequada (é também citada a cirurgia). A grande diferença é ter envolvido as promessas numa

enorme roupagem de natureza religiosa.

O segundo texto que merece referência diz respeito à Oração da Manhã do médico, cujo autor foi Maimónidas, médico hebreu nascido em Córdoba em 1133, mas que viveu a maior parte de sua vida na cidade do Cairo (Figura 8). Alguns pequenos excertos dão-nos uma ideia dos valores morais exigidos para a prática da profissão.



Figura 8 - Maimónidas, segundo gravura existente na Academia de Medicina de Nova York.

(...) Na Tua eterna Providência, elegeste-me para velar pela vida e pela saúde das Tuas criaturas. Agora estou pronto a dedicar-me aos deveres da minha profissão. Apoiar-me, Deus todo poderoso, nestes trabalhos imensos para benefício da humanidade (...)

Mantém a força do meu corpo e do meu espírito a fim de que esteja sempre disposto a ajudar cheio de ânimo o rico e o pobre, o bom e o mau, o inimigo e o amigo. Faz com que eu nada mais veja do que um ser humano naquele que sofre. (...)

Não permitas que me distraia. Que nenhum pensamento estranho desvie a minha atenção da cabeceira do doente, ou altere a minha mente no seu trabalho silencioso (...).

Maimónidas escreveu em árabe uma coleção dos aforismos de Hipócrates e de Galeno, mas a sua obra mais popular foi o *Livro dos Preceitos*, escrito sob a forma de cartas a Saladino. A influência de Maimónidas foi muito grande, principalmente entre árabes e cristãos, onde as suas obras, traduzidas para hebreu e latim, tiveram uma enorme divulgação.

4. É neste período dos primeiros mil anos depois de Cristo que se dão dois acontecimentos importantes na história da Medicina. A influência cristã determinou o primeiro: o dever da caridade cristã levou ao aparecimento do primeiro hospital destinado a todas as classes sociais e com uma área de convalescentes, que foi fundado em Roma, por volta de 390 AD. Foi sua fundadora uma matrona romana rica chamada Fabíola. Os hospi-

tais, como conceito de tratamento, são bastante mais antigos; na sua forma organizada pode-se dizer que os devemos aos romanos, que montaram o *Valetudinarium*, hospital destinado ao tratamento dos legionários. Mas o seu conceito mais alargado, aberto a todos sem distinção, surgiu naquela data com o hospital de Fabíola. A partir daí, vemos desenvolverem-se estas instituições, a maior parte das vezes em estreita ligação com conventos, que asseguravam a sua administração e a assistência aos doentes.

Paralelamente ao aparecimento dos hospitais no ocidente cristão, desenvolveram-se igualmente instituições semelhantes no mundo árabe, os *Bîmâristân*, a partir do século IV, de origem sobretudo iraniana. Conhecem-se descrições muito completas de alguns dos mais notáveis, como o de Damasco (século X), que possuía uma invejável organização administrativa, ficheiro de doentes, bairro dos loucos. A ocupação do tempo dos seus médicos estava perfeitamente definida, com a visita quotidiana, o ensino e a clínica privada.

A laicização progressiva dos hospitais, principalmente no final da Idade Média e na Renascença, com a intervenção do poder político na sua constituição e ordenação, conduziu uma boa parte deles a uma degradação acentuada, onde quase só eram recolhidos os indigentes e abandonados, por vezes em condições bastante desumanas. Houve, porém, dois factos luminosos na história hospitalar e dentro do mais estrito respeito pela dignidade do doente: a extraordinária reforma hospitalar da Rainha D. Leonor, no final do século XV, e a verdadeira revolução no tratamento dos doentes mentais, no século XVI, efectuada por S. João de Deus, e prosseguida pela Ordem a que deu origem. A primeira introduziu uma ideia que só no decorrer deste nosso século viria a ter a sua consagração na prestação de cuidados de saúde, a noção de *equipa de saúde*, que englobava todos os que de algum modo eram responsáveis pelo tratamento, bem estar e acompanhamento do doente, mesmo após a situação aguda. A segunda constituiu verdadeira inovação no conceito de saúde mental que, mais uma vez, só iria conseguir passar dos hospitais da Ordem Hospitaleira para os *hospitais de loucos* dependentes dos poderes constituídos, em pleno século XX.

O segundo acontecimento foi o aparecimento das universidades. Pode-se dizer que a escola médica de Salerno, provavelmente estabelecida a partir do século VIII AD, terá sido a que mais influência exerceu nos primeiros tempos. As suas traduções do grego e do árabe deram a conhecer a medicina hipocrática e as suas diversas correntes. Tendo recebido os refugiados do norte,

fugidos às invasões dos bárbaros, e os refugiados do sul, fugidos à ocupação muçulmana do Egipto, foi-lhe possível reunir alguns dos médicos e filósofos mais notáveis dessa época. Esta escola teve ainda uma característica muito curiosa, que se veio a perder mais tarde: estava aberta a homens e mulheres, sem qualquer distinção ou exigência especial, tendo sido famosas algumas médicas aí formadas, uma das quais, Trotula, foi bem conhecida e admirada no seu tempo.

Neste mesmo período viveu um dos homens mais brilhantes da história da Medicina - Avicena, ou Abou-ibn-Sina. Nascido em Chiraz, na Pérsia, em 980 AD estudou em Bukara, e foi o médico mais famoso do Islão. Os Cânones de Avicena foram, durante muitos séculos, a base do ensino médico na Europa. Foi um discípulo de Hipócrates e de Aristóteles, defendendo claramente os princípios do exercício da Medicina. Mas foi igualmente um mau exemplo de comportamento pessoal. Apesar da sua resistência física, o alcool e os excessos com mulheres acabaram por matá-lo em 1036, com 56 anos de idade.

OS CÓDIGOS DE ÉTICA NA ACTUALIDADE

O Juramento de Hipócrates, na sua formulação cristã, chegou até aos nossos dias com pequenas modificações, muitas vezes acrescentado de invocações religiosas. O desenvolvimento da Medicina e as alterações sofridas pelas sociedades, principalmente a partir do desenvolvimento industrial, exigia, porém, não apenas um juramento, mas formulações mais completas sobre os diferentes problemas que se iam levantando, entre eles o do exercício ilegal da medicina^{3,15,16,17}.

Foi Thomas Percival, um médico inglês de Manchester (1740-1804), quem redigiu o primeiro *Código de Ética*, conhecido actualmente por *Código de Percival*. Foi este um dos textos fundamentais em que se baseou a Associação Médica Americana para redigir os *Princípios de Ética Médica*.

1. Podemos dizer, porém, que a medicina moderna se baseia num conjunto de ideias que giram à volta da dignidade humana e que estão resumidas nos chamados *Ideais da Ética Científica*, de Bronowski, e nos *Postulados de Koch*.

Os primeiros baseiam-se nos conceitos defendidos (mas não praticados...) nas sociedades modernas, *liberdade, verdade e amor*. São eles a *Mente Criativa* (liberdade de investigar), o *Hábito da Verdade* (métodos científicos correctos e estrita observância das regras morais) , e o conceito de *Dignidade Humana* (respeito pela vida humana, qualquer que ela seja).

Os segundos, os *Postulados de Koch* (Figura 9), traduzem-se por três perguntas:



Figura 9 - Roberto Koch, Prémio Nobel 1905.

- a) A minha posição permite ao indivíduo exercer a sua liberdade pessoal, particularmente a sua liberdade de escolha?
- b) A minha posição baseia-se mais em possibilidades científicas do que em mera tradição ou intuição?
- c) Está a minha posição de acordo com a empatia e a caridade que eu próprio esperaria encontrar da parte de alguém que me ouve?

2. Estes dois conjuntos de ideias e os factos tremendos que se desenrolaram ao longo deste século, em que a dignidade humana foi completamente espezinhada, fizeram nascer formulações de comportamento ético, de carácter internacional, que se iniciaram verdadeiramente com a proclamação da Carta dos Direitos do Homem. Esta é a grande novidade do século XX - *ter sido reconhecida a necessidade de fazer aceitar internacionalmente códigos de comportamento ético*, em que a dignidade humana seja salvaguardada. Código de Nuremberga, a Declaração de Genebra (formulação actual do Juramento de Hipócrates), as Declarações de Helsínquia ou de Tóquio, o Código Internacional de Ética Médica, a Carta dos Direitos da Pessoa Doente (Lublijana, 1996), mostram bem as preocupações da comunidade médica.

Vou referir-me apenas, e em muito poucas palavras, à última formulação internacional, a Convenção Europeia de Bioética, aprovada em 4 de Abril de 1997 por 21 países europeus. Em 38 artigos, estabelece: a garantia da protecção da dignidade, identidade e integridade de todos os seres humanos, prevalecendo o indivíduo sobre a sociedade, quando houver conflito de interesses; o direito ao respeito pela vida privada dos doentes assim como pelos seus valores e convicções morais, culturais e religiosos; a obrigação de ser fiel a regras de conduta profissional no domínio da saúde que respeitem o consentimento informado e livre; a recusa de qualquer forma de discriminação com fundamentação genética ou sem ela; a proibição de qualquer manipulação genética sobre

células germinais e igualmente a reprodução humana por clonagem (esta completada por um Protocolo apresentado em Paris, em Janeiro de 1998); estabelece ainda regras muito claras sobre transplantações ou sobre a experimentação em seres humanos, proibindo expressamente a comercialização ou qualquer forma de lucro com os órgãos ou tecidos humanos. Em resumo, tem como preocupação principal a defesa da dignidade do ser humano quando ele se encontra mais indefeso e mais frágil - a situação de doença.

Nesta reflexão que me propuz, necessariamente incompleta e cheia de omissões, procurou-se caracterizar a sociedade humana em algumas épocas fundamentais, para compreender o valor atribuído à vida humana em si mesma, para além do grupo social, da profissão, da raça, ou das capacidades do indivíduo. Esta caracterização permitiu lançar um olhar diferente sobre a atitude da Medicina, após Hipócrates, perante o ser humano doente, homem ou mulher, livre ou escravo, poderoso ou indigente. Foi esta noção universal de atenção e de cuidados, sem distinguir pessoas, que constituiu a verdadeira revolução hipocrática, em sociedades divididas em classes, em que a noção de dignidade atribuída ao ser humano variava com a posição social, o poder ou a força.

Apenas com o advento do cristianismo, quatrocentos e cinquenta anos depois e, principalmente, após o seu reconhecimento, com a Paz de Constantino, começou a ser compreendido o extraordinário legado de Hipócrates. Ao dar ao ser humano, qualquer que ele seja, a dimensão sobrenatural que o coloca acima de todos os seres criados, procurou transpor para as mentalidades políticas, pouco a pouco, com avanços e recuos, o que Hipócrates tinha instituído para o exercício da Medicina - a igual-

dade de dignidade da pessoa, merecedora dos mesmos cuidados e atenções, da mesma justiça e direitos.

As sucessivas proclamações de direitos e de códigos de comportamento traduzem bem as dificuldades da condição humana, que são de todos os tempos, em aceitar que o seu semelhante tem os mesmos direitos, a mesma dignidade, merecendo o mesmo respeito. O que a Medicina aceitou há muito, graças ao génio de Hipócrates, continua ainda muito longe de se realizar na sociedade política.

BIBLIOGRAFIA

1. MONTET P: O Egipto pré-histórico. In O Homem antes da escrita, Ed. Cosmos, vol. I col. Rumos do Mundo, Lisboa 1963.
2. CASSON L: L'Egypte Ancienne. Time Inc. 1968.
3. LYONS AS, PETRUCELLI RJ: Medicine; An Illustrated History. Harry N. Abrams Inc, New York 1987.
4. KRAMER, SN: Le berceau de la civilization. Time Inc. 1968.
5. MITCHELL TC: The Urban Pioneers. In The Rise of the Cities, Time-Life Books 1991.
6. PARROT A: Proto-história mesopotâmica. In O Homem antes da escrita, Ed. Cosmos, vol. I col. Rumos do Mundo, Lisboa 1963.
7. HAMBLIN DJ: The First Cities. Time-Life, col. The Emergence of Man 1973.
8. CLAIBORNE R: The Birth of Writing. Time-Life, col. The Emergence of Man 1978.
9. EDEY MA: Lost World of the Aegean. Time-Life, col. The Emergence of Man 1979.
10. LÉVÊQUE P: A aventura grega. Ed. Cosmos, col. Rumos do Mundo - vol III, Lisboa 1967.
11. BOWRA M: La Grèce Antique. Ed. Time-Life 1966
12. PLUTARCO: Vidas paralelas (Pelópidas, Lisandro, Sólon, Péricles). Ed. Inquérito, col. Cadernos Culturais 1939.
13. BLOCH R, COUSIN J: Roma e o seu destino. Ed. Cosmos, col. Rumos do Mundo - vol. IV, Lisboa 1964.
14. MIQUELA A: O Islame e a sua civilização. Ed. Cosmos, col. Rumos do Mundo - vol. VII, Lisboa 1971.
15. LÉON CA: Códigos e Juramentos em Medicina. *Acção Médica* 1980;44(1): 5-29.
16. SERRÃO D: A Convenção Europeia de Bioética e a prática médica em Portugal. *Acção Médica* 1998; 62(3): 122-129.
17. PINA, JAE: A responsabilidade dos médicos. Lidel, 2ª ed., Lisboa 1998.